

WITTGENSTEIN E A ARTE: É POSSÍVEL EXPANDIR OS LIMITES DA LINGUAGEM PELA ARTE?

WITTGENSTEIN AND THE ART: IS IT POSSIBLE TO EXPAND THE LANGUAGE LIMITS BY ART?

Felício Mulinari Silva

Graduando em Filosofia e Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
filicio@gmail.com

RESUMO

Através do método lógico-analítico de resolução de problemas, a crítica feita por Wittgenstein afetou várias áreas e problemas tradicionais da filosofia, sobretudo os problemas considerados éticos. Desse modo, tendo como referência a obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, objetiva-se aqui mostrar a relação existente entre a tese do *Tractatus* sobre o problema do limite da linguagem e a tese exposta por Julio Cabrera, em seu livro *O cinema Pensa*, que aponta a arte [cinema] como um dos possíveis caminhos de solução alternativa para a problemática.

Palavras-chave: Ética. Cinema. Teoria do Significado. Limites da linguagem. Relação de figuração

ABSTRACT

Through the logic-analytic method of problem's solution, Wittgenstein's criticism affected several areas, and traditional problems in philosophy, mainly the ethnic problems. This way, having *Tractatus Logic Philosophicus* as reference work, it intends to show the relation between *Tractatus'* thesis about the problem on language limit and Julio Cabrera's thesis, in his book about the *Cinema Thinks*, that shows art (cinema) as a possible way of alternative solution to the problematic.

Key-words: Ethnic. Cinema. Theory of meaning. Limits of language. Relation of the figure.

INTRODUÇÃO

Um dos pensadores mais influentes do século XX, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi referência para várias gerações de filósofos, não somente pelas questões que propôs, mas também pelo modo como as tratou.¹ Seus escritos influenciaram as duas principais escolas do século XX – *Círculo de Viena* e *Filosofia da Linguagem de Oxford* – e ampla parte dos filósofos e pesquisadores de quase todo campo das ciências humanas e sociais da época (STERN, 2004, p. 19).

A crítica feita por Wittgenstein, na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*², afetou várias áreas e problemas tradicionais da filosofia, como os problemas considerados éticos e metafísicos. Objetiva-se aqui mostrar a relação entre a tese da referida obra, principalmente no que se refere aos limites da linguagem e às questões éticas, e a tese exposta por Julio Cabrera em seu livro *O Cinema Pensa* (2006), que aponta a arte, de modo especial o cinema, como um caminho alternativo para o problema da indizibilidade ética proposta pelo *Tractatus*.

O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS E OS LIMITES DA LINGUAGEM

Publicado pela primeira vez no ano de 1921, no periódico alemão *Annalen der Naturphilosophie*, revisado e reeditado no ano de 1922 (a primeira edição continha muitos erros), o *Tractatus* parte de uma crítica da lógica de Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russel (1872-1970). A referida obra carrega uma tese chave para o pensamento contemporâneo na medida em que verifica que a maior parte das questões filosóficas carece de sentido por estar fora dos limites da linguagem discursiva.

A maioria das proposições e questões escritas sobre temas filosóficos não são falsas, mas absurdas. Por isso, não podemos em geral responder a questões dessa espécie, apenas estabelecer seu caráter absurdo. A maioria das questões e das proposições dos filósofos se apoia, pois, no nosso desentendimento da lógica da linguagem (São questões da seguinte espécie: o bem é mais ou menos idêntico do que a beleza?). Não é, pois, de admirar que os mais profundos problemas não constituam propriamente problemas (TRACTATUS, 4.003).

A proposição final do *Tractatus* – muitas vezes mal compreendida – afirma que “sobre aquilo que não se pode falar deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129). Esta proposição faz distinção entre o mundo da razão e das ciências naturais e o mundo daqueles objetos e temas que não podem ser enquadrados discursivamente de forma racional (por não se referirem a fatos), como a ética, a estética e a religião. Em relação a este último mundo, que é o que atinge as verdadeiras questões da vida humana, salienta-se sua inexprimibilidade:

6.41 o sentido do mundo deve estar fora dêle. No mundo tudo é como é e acontece como acontece: nele não há valor — e se houvesse, o valor não teria valor. [...] 6.42 Por isso não pode haver proposições da ética. Proposições não podem exprimir nada além. 6.421 É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental (Ética e estética são um só) (WITTGENSTEIN, 1968, p. 127).

Como salienta Hübner (1990), a teoria linguística que Wittgenstein implementou no *Tractatus* foi de grande importância para o desenvolvimento da teoria da ciência e exerceu uma grande influência sobre linguística, embora não se aplique à linguagem cotidiana (HÜBNER, 1990, p. 195). Para a filosofia, a importância do *Tractatus* se encontra no modo de abordagem dos problemas filosóficos. Já no prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein afirma:

[o livro] trata de problemas filosóficos e mostra, creio eu, que o questionar desses problemas repousa na má compreensão da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: em geral o que pode ser dito, o pode ser claramente, mas o que não se pode falar deve-se calar (WITTGENSTEIN, 1968, p. 53).

Nesse sentido, o objetivo da filosofia seria então – ao contrário da tradição do idealismo alemão – não o de elaborar doutrinas filosóficas, mas o de esclarecer as proposições. As doutrinas filosóficas repousariam no erro por apresentar uma explicação do mundo que vai para além da experiência referencial.

A metafísica surgiria da tentativa de dizer aquilo que não pode ser dito. Assim, Wittgenstein afirma que uma análise apropriada da estrutura dos termos utilizados nos discursos, tanto da filosofia tradicional quanto da metafísica, revelaria tal erro e solucionaria todos os problemas filosóficos. Sob a finalidade da filosofia, Wittgenstein diz:

a finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é teoria, mas atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários. A filosofia não resulta em "proposições filosóficas", mas em tornar claras as proposições. A filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados (TRACTATUS, 4.112).

Mas qual seria a estrutura lógica da linguagem? Como salienta Scruton, Wittgenstein divide todas as sentenças em complexas e atômicas, sendo as primeiras constituídas das segundas (SCRUTON, 1982, p. 273).

As sentenças atômicas seriam aquelas que empregam os ‘primitivos’ da linguagem, *i.e.*, os nomes e predicados elementares que servem para descrever o que Wittgenstein denominou de *atos atômicos*. Nesse sentido, o constituinte mais básico do mundo é o correspondente à sentença atômica, que é o fato atômico.

Por sua vez, os fatos complexos correspondem às proposições complexas e é necessária a compreensão da complexidade da linguagem usada para expressá-los. Tal complexidade é inteiramente proporcionada pela lógica fregeana e russeliana. Sobre as proposições complexas, afirma Scruton:

a característica mais importante das sentenças complexas é que os conectivos usados para construí-las devem ser veri-funcionais, ou seja, devem ser tais que o valor-de-verdade da sentença complexa seja inteiramente determinado pelos valores-de-verdade de suas partes. Trata-se do “princípio de extensionalidade” [...] que, de acordo com Wittgenstein, é uma precondição do pensamento e da análise lógica (SCRUTON, 1982, p. 273).

Através dessa ideia, Wittgenstein conclui – como foi dito anteriormente - que a filosofia (já como atividade filosófica) serve apenas como tentativa de elucidação das confusões linguísticas. Não haveria, assim, fatos filosóficos, somente elucidação de fatos.

Sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados. Sem dúvida, não cabe mais pergunta alguma, e esta é precisamente a resposta (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129).

No entanto, a avaliação feita por Wittgenstein sobre a linguagem gera profundos problemas metafísicos. Um deles diz respeito à relação de figuração, ou seja, relação entre sentenças atômicas (frases) e fatos atômicos (coisas no mundo).³ Segundo Wittgenstein, tal relação não poderia ser descrita, mas apenas mostrada: deve-se mostrar o que é mais básico ou não será possível começar a descrição. Contudo, não fica clara na obra a noção que o autor tem de “mostrar”. Segundo Scruton (1982), talvez a melhor maneira de compreender essa teoria – por vezes chamada de *Teoria Figurativa do Significado* – “seja negar que podemos usar a linguagem para nos situarmos entre a linguagem e o mundo” (p. 274). Há uma impossibilidade de avaliação pelas palavras da relação entre um fato atômico e uma preposição atômica, com exceção de quando se usa a preposição cuja validade se está a explicar. Será nessa lacuna dada pela relação entre “dizer/mostrar” (linguagem/mundo) que Cabrera (2006) questionará a possibilidade da arte ser um caminho possível, como se verá adiante.

O CINEMA E OS LIMITES DA LINGUAGEM DO TRACTATUS

Como visto anteriormente, Wittgenstein acreditava que elementos relacionados à sensibilidade ou à emoção não poderiam ser expressos logicamente em uma proposição articulada, uma vez que tais problemas se situam fora dos limites da linguagem (CABRERA, 2006, p. 366).

Em outras palavras, questões éticas careceriam de sentido referencial e seriam pseudoproblemas. Assim, a partir de sua crítica das inadequações e confusões geradas pela linguagem, Wittgenstein propôs um meio de superá-las através de um simbolismo apropriado, um isomorfismo entre a linguagem e o mundo.⁴

A questão que se coloca agora, no entanto, é a seguinte: sobre que argumentos se sustenta a afirmação de que temas éticos não podem ser expressos com pleno sentido na linguagem articulada das proposições? O que se perde ao fazê-lo? Poderia a arte tratar de problemas éticos e metafísicos? Estes são os problemas principais que Julio Cabrera abordou em seu livro *O cinema pensa*, em um capítulo dedicado especialmente a Wittgenstein (*apud* CABRERA, 2006, p. 367-395).

Uma interessante passagem de Janik e Toulmin esclarece a posição de Wittgenstein a respeito dos temas éticos:

na ciência, pretendemos conhecer os fatos; nos problemas da vida, os fatos carecem de importância. Na vida, o que importa é a capacidade de responder ao sofrimento do próximo. A questão é sentir corretamente. A filosofia do *Tractatus* aponta para a direção de mostrar como é possível o ‘conhecimento’. Mas, em sua visão de mundo, este conhecimento é relegado a segundo plano. O veículo com o qual transmitir o sentido, coisa que está no primeiro plano da vida, é o poema ou a fábula. Os contos de Tolstoi impressionaram Wittgensten de uma forma especial, a este respeito [...] o mesmo pode ser dito dos primeiros filmes do Oeste americano, que ele viu como fábulas ou moralidades (JANIK; TOULMIN *apud* CABRERA, 2006, p. 389).

Na linguagem do *Tractatus* não poderiam ser colocados temas éticos, como os problemas morais mostrados pelos poemas de Tolstoi (1828-1910) ou pelos filmes de faroeste norte-americanos. Esta impossibilidade se dá não por ser impossível de se escrever tais problemas no papel, pois isso certamente é possível, mas por ser impossível a compreensão desses problemas somente com o que está presente no discurso escrito (referencial): necessita-se de uma mediação com algo sensível, provindo da experiência, mas que, no entanto, não pode ser referenciado (não há objeto referencial).

Cabrera ressalta essa necessidade da sensibilidade e disserta nesse ponto sua tese: “é na mediação com algo sensível que consiste o ‘mostrar’ do cinema” (CABRERA, 2006, p. 389). O ‘mostrar’ artístico teria a função de ‘referenciar’ aquilo que a linguagem escrita não consegue. A arte (e não somente o cinema) poderia dar a sensibilidade que falta para a linguagem referencial. Para Cabrera, o cinema não somente apresenta personagens e fatos, mas também ‘dramatiza’ e os ‘coloca em cena’ e, dessa forma, cria um cenário narrativo que torna possível ‘vivenciar’ os personagens e os problemas morais presentes. Dessa maneira, o cinema não só ofereceria um relatório objetivo dos acontecimentos, mas abriria uma forma de discurso que torna possível o entendimento de problemas éticos.

Ao tomar como base o filme *No tempo das diligências* (1939), de John Ford⁵, Cabrera afirma que filmes conseguiriam não somente ‘mostrar’, mas também ‘dizer’ (no sentido wittgensteiniano) algumas coisas que não podem ser ditas segundo a teoria da linguagem do *Tractatus* (CABRERA, 2006, p.389). Isto é possível devido ao caráter não literal do ‘silêncio’ filmico.

O silêncio de filmes como este (*No tempo das diligências*) não é literal, na verdade, eles guardam silêncio a respeito de atitudes volitivas diante do mundo que estariam, para Wittgenstein, fora dos limites da linguagem, tanto da muda como da falada (CABRERA, 2006, p.389).

Para Cabrera, John Ford conseguiria dizer os temas que seriam sem sentido para a linguagem escrita articulada (de acordo com a linguagem referida no *Tractatus*) por ir além da distinção mudo/sonoro. A imagem cinematográfica, tanto no cinema mudo como no falado, conseguiria ir para além da linguagem de palavras proposta pelo *Tractatus*.⁶ Logo, segundo a concepção de Cabrera, o cinema transpassaria os limites da linguagem proposicional articulada, uma vez que conseguiria mostrar e dizer o que a linguagem escrita não consegue.⁷

Contudo, assim como na linguagem referencial proposta pelo *Tractatus*, há também limites na linguagem cinematográfica. Cabrera ressalta esses limites ao usar o cinema mudo como exemplo: no cinema mudo não há distinção entre o que o ator faz e o que ele diz: tudo que ele diz é o que faz. Isso certamente representa um tipo de ‘limite de linguagem’ (CABRERA, 2006, p.381). Dessa forma, encontrar-se-iam limites em todo tipo de linguagem e o cinema não seria uma exceção à regra:

É claro que todos os contrastes expressivos entre som e imagem, que até hoje estão sendo descobertos, não estavam ao alcance do cinema mudo, mas há muitas coisas que o cinema, mesmo atualmente, não consegue fazer como, por exemplo, expressar tudo o que Proust diria a respeito dos matizes de uma interioridade atormentada (CABRERA, 2006, p. 381).

Porém, há um grave problema quando se absolutiza um tipo de linguagem juntamente com seus limites, como o fez Wittgenstein. É esse problema um dos pontos centrais da crítica feita por Cabrera. Sobre essa ‘absolutização da linguagem’, argumenta Cabrera:

As linguagens têm seus limites, é claro, mas o que não se pode dizer é que a ausência de palavras represente algum tipo de limite absoluto. Wittgenstein quis determinar os limites da linguagem de forma absoluta e definitiva. Mas os limites são relativos ao poder de expressão de cada linguagem e não existe uma linguagem privilegiada a partir da qual possamos julgar as capacidades de todas as outras (CABRERA, 2006, p. 381).

Cabrera refuta a teoria de Wittgenstein devido a essa pretensa absolutização de um tipo específico de linguagem (linguagem referencial descritiva) e, contra isso, ressalta a particularidade expressiva de cada linguagem. A linguagem formal, discursiva e racional, seria apenas um tipo de linguagem entre tantos outros e, por isso, não estaria em um nível superior aos outros tipos de linguagem. Daí procede a conclusão de Cabrera de que não há uma linguagem privilegiada que tenha a capacidade de julgar às outras.

CONCLUSÃO

A tese que Wittgenstein sustenta em seu *Tractatus* é a de que elementos e problemas relacionados à sensibilidade ou à emoção (temas valorativos) não poderiam ser expressos logicamente em uma proposição articulada, uma vez que tais problemas estariam fora dos limites da linguagem e careceriam de sentido referencial. A partir disso, Wittgenstein propõe um isomorfismo entre a linguagem e o mundo. Segundo a tese do *Tractatus*, não existem ‘problemas filosóficos’ e, por isso, caberia a filosofia apenas esclarecer possíveis confusões provindas da linguagem.

Contudo, percebe-se que a tese do *Tractatus* abre margem para alguns problemas que se encontram fora dos limites da linguagem como, por exemplo, o problema da relação de figuração entre sentenças e fatos atômicos. É nessa lacuna que Cabrera desenvolve a tese que contra-argumenta as ideias expostas por Wittgenstein. Uma vez que se observa a necessidade de algo sensível, impossível na linguagem referencial para o tratamento das questões éticas, Cabrera aponta a linguagem artística como uma linguagem que tem a possibilidade de tratar tais questões, pois poderia se referenciar problemas éticos no cinema.

O que Cabrera argumenta em sua tese, entretanto, é que o cinema conseguiria não apenas ‘mostrar’, no sentido wittgensteiniano do termo, mas também ‘dizer’ os problemas que ficariam fora da linguagem proposicional. Dessa forma, o cinema, além de mostrar os problemas filosóficos (problemas éticos, por exemplo), também serviria como caminho para discussão e debate de tais temas e fundamentaria, por sua vez, os discursos filosóficos renegados pelo *Tractatus*.

Ao final, percebe-se que é aceitável a crítica da Cabrera a Wittgenstein, principalmente no que se refere à absolutização de um tipo de linguagem. Logo, percebe-se que a linguagem formal seria apenas um tipo de linguagem e não estaria em um nível superior aos outros tipos de linguagem e, por isso, os limites de uma linguagem não podem e não devem ser passados para outro tipo de linguagem.

NOTAS

- ¹ Normalmente se divide o pensamento de Wittgenstein em duas fases: o primeiro Wittgenstein, relativo principalmente as ideias expostas no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), e segundo Wittgenstein, relativo principalmente as ideias expostas na obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953). Apesar de apresentarem teses diferentes, pode-se afirmar que a ideia central que perpassa as duas épocas remete a compreensão dos problemas tradicionais da filosofia por uma análise minuciosa da linguagem. Adverte-se que, devido ao curto espaço, neste trabalho será tomado como referência apenas a tese do primeiro Wittgenstein.
- ² Daqui em diante citado apenas como *Tractatus*.
- ³ “Como o pensamento relaciona-se com o mundo e com a linguagem? [...] De alguma maneira, que não temos como saber, os símbolos são capazes de estabelecer as relações afigurantes a partir deles mesmos com o mundo. Outra maneira de responder à questão é dizer que quem estabelece as relações afigurantes entre os símbolos e o mundo é o sujeito. Não se trata, porém, de qualquer sujeito, mas do sujeito transcendental” (CORRÊA, 2009, 431-432).
- ⁴ Sobre a noção de isomorfismo, o termo, em seu sentido literal, remete a uma correspondência biunívoca entre dois conjuntos, preservando as características de cada um: *isomorfismo* satisfaz a ideia de uma figura capaz de reproduzir fielmente, traço a traço, aquilo que é figurado, sem alterar as características deste último. (SILVA, 2006, p. 63)
- ⁵ John Ford (1894-1973) foi um cineasta norte-americano de grande renome da década de 1930 a 1960, conhecido principalmente pelos seus filmes westerns (faroeste).
- ⁶ Uma possível associação poderia ser feita aqui com a teoria dos “jogos de linguagem”, proposta pelo segundo Wittgenstein, em sua obra póstuma *Investigações Filosóficas*. A linguagem do cinema poderia, dessa forma, ser um tipo “jogo de linguagem” específico, com regras próprias e que se diverge da linguagem escrita referencial proposta pelo primeiro Wittgenstein, no *Tractatus*.
- ⁷ Deve-se considerar que a tese de Cabrera se aproxima muito das ideias expostas por Wittgenstein na obra *Investigações Filosóficas* (segundo Wittgenstein). Pode-se fazer menção ao cinema como ‘jogo de linguagem’. No entanto, devido ao espaço, tal apontamento não será aqui trabalhado.

REFERÊNCIAS

- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CORRÊA, Rogerio. Pensamento e figuração no *Tractatus Logico-Philosophicus*. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 425-435, 2009.
- HÜBNER, Haulf. Ponto de Vista. Wittgenstein ou o fim da filosofia. *Revista Psicologia USP*, 195-198. São Paulo. 1990.
- NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS. Direção: John Ford. Roteiro: Dudley Nichols. Estados Unidos, longa-metragem, 96 minutos, 1939.
- SCRUTON, Roger. *Introdução à filosofia moderna de Descartes a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- STERN, David. *Wittgenstein. Philosophical investigations. an introduction*. Cambridge: Cambridge U.P., 2004.

SILVA, José Fernando da. Wittgenstein e o Empirismo Lógico: Considerações sobre o papel da Filosofia. *Revista Técnica IPEP*. São Paulo, v.6, n.2, p 61-74, ago./dez. 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: USP, 1968.